

V Jornada Sul Brasileira de Cartéis

RAQUEL ROMANO DE LIMA

JOINVILLE

2022

O sujeito do Inconsciente em três dimensões:

Imaginário, Simbólico e Real

O sujeito do inconsciente se estrutura em três dimensões. Lacan indica que há instâncias que são inerentes ao sujeito e são registradas em termos de Real, Simbólico e Imaginário. Os três registros essenciais da realidade humana; ou seja, os três de Lacan lançam uma possibilidade de compreensão para aquilo que constitui o falasser.

O percurso dessa investigação partiu do livro de Michele Roman Faria intitulado “Real, Simbólico e Imaginário”, nessa obra a autora percorre temporalmente os três de Lacan. Lá foi possível delimitar um fio condutor do estudo que tem como objetivo visitar alguns textos da obra lacaniana sobre cada um dos registros. Ou seja, busco indicativos de como o sujeito se constitui em termos de Imaginário, Simbólico e Real.

Essa aparição temporal dos registros na obra de Lacan já merece uma parada. Lacan atém-se num primeiro momento ao Imaginário, depois ao Simbólico e no final ao Real. Menciona em toda sua obra os três, porém dá ênfase a um registro num determinado período de tempo.

Podemos pensar essa organização sendo o Imaginário, a Imagem do corpo, um início, o sujeito é a partir do corpo, que é imaginarizado através do Estádio do Espelho. Já o Simbólico trata da inscrição da linguagem através do mito edipiano que dá sentido metafórico ao ser e por último o Real que é aquilo que escapa e se configura como um resto. O sujeito se constitui num processo de imaginarização do corpo, corpo esse banhado pela linguagem antes mesmo de nascer e que simboliza a interdição do incesto através da metáfora edípica. O Real é o que sobra disso, o que é impossível de simbolizar.

O texto “O Simbólico, o Imaginário e o Real” de 1953, Lacan verte sua fala sobre o Simbólico e o Imaginário, deixa o Real sobre reticências, dando a impressão

que existe um percurso a ser feito para a compreensão desse último conceito, não estando assim finalizado.

Essa hipótese, comprovo na experiência do cartel. Não foi possível alcançar nele os estudos sobre o Real. Ouso dizer que esse caminho tem como rumo a compreensão do Real, mas nele não há atalhos e que o mesmo depende, inclusive, do processo analítico pessoal para que seja possível teorizar essa instância humana. O Real ficou na impossibilidade de dizer nesse cartel.

Diante disso me ative ao início: O imaginário no Seminário 1. Esse pensamento mágico onde a análise atua, o sintoma se configura e o sujeito se satisfaz de forma alucinatória é onde o Eu se precipita numa operação lógica que acontece diante do espelho. O estadió do espelho é o encontro do Eu com o outro, a diferenciação necessária e inaugural do ser que ao se deparar com o outro é capaz de criar um Eu.

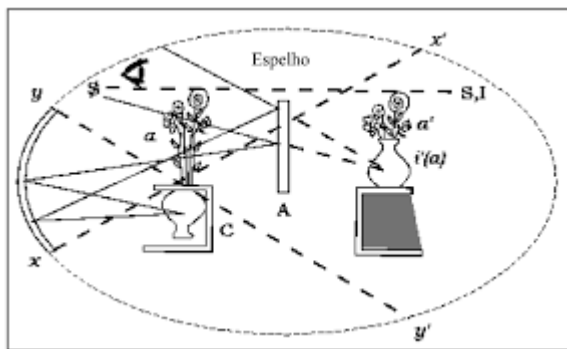
Essa precipitação do Eu, ao se diferenciar do outro, funda um sujeito. Ora, se não é a relação Eu/outro que tratamos em análise? Essencialmente na clínica ouvimos sobre as impossibilidades desse encontro. E assim, retornamos a castração. A impossibilidade de encontro que Lacan expressa na enigmática frase “Não há relação sexual” é a fonte de angústia imaginária sobre o desejo do sujeito de ser completado por um outro. Passamos uma vida em busca da “metade da laranja”, de alguém que nos compreenda “de fato” e seja capaz de garantir nossas necessidades evitando assim a desconfortável verdade de que isso é impossível.

Quando a criança se aproxima de seu aniversário de um ano, depara-se com a imagem refletida no espelho e espanta-se ao constatar que ela e seu cuidador primeiro não são um. Que sua fonte de alimento e os cuidados que recebe não são inerentes a sua existência. E se há outro, funda-se o Eu. O corpo despedaçado dá lugar a uma identificação através da imagem do Eu, que desdobra-se com o atravessamento do narcisismo.

No Esquema Optico Lacan lança luz a um esquema que foi retirado da física para dar conta da precipitação do Eu e das relações desse Eu com o outro. Esse esquema é uma analogia à clivagem entre o simbólico e o imaginário onde Lacan evidencia a faceta inconsciente do momento revelador em que o bebê se vê no espelho. Nessa mirada que acontece entre os 6 e 12 meses do infante algo determinante para o sujeito do inconsciente acontece: irrompe o Eu, aquela instância psíquica muito bem descrita por Freud.

No princípio da formação do Eu é o Outro que dá o tom dessa irrupção. O significante emprestado do Outro sobre si é refletido e que no esquema pode ser compreendido como uma imagem virtual que parte de uma ilusão. O buquet de flores que se encontra desconexo no lado esquerdo do experimento é reorganizado numa projeção distorcida da imagem real. Diz Lacan em “Observações sobre o relatório de Daniel Lagache”: “O Eu vem servir ao lugar deixado vago para o sujeito que ele só pode introduzir ali na distorção”.

Essa luz lançada requer do observador um lugar muito bem posto para que um objeto real se sobreponha e se inscreva no Imaginário. No Seminário I Lacan afirma que o vaso real é uma representação do corpo que projetado através de um espelho côncavo cria uma ilusão de completude. Esse vaso está “escondido”, o que indica o quanto o sujeito tem pouco acesso à realidade do seu corpo. O corpo é Imaginarizado através do olhar e da voz do outro.



Então, só é possível que haja o Eu em virtude de um outro. A pulsão escópica é filtrada pelo outro, desliza no significante e inaugura o que antes era apenas um corpo despedaçado.

Esse outro que cerca o sujeito desde sempre, está na linguagem antes dele, que o projeta em palavras antes de seu nascimento. Outro que é dois: o outro (outrinho, com o minúsculo), igual e rival como muito bem põe Antonio Quinet em “Os outros em Lacan” e Outro (O Grande Outro com o maiúsculo) que é introjetado através da inserção do Nome do Pai que já está naquele que oferece os primeiros cuidados ao bebê.

É sobre a linguagem que se alicerça o Simbólico: aquilo que está antes do sujeito, é emprestado a ele e dá sentido através da palavra ao que se passa. Lacan em “A instância da letra no Inconsciente” deixa claro que a estrutura da linguagem preexiste ao sujeito e que o mesmo é servo da mesmo. A linguagem é um

fundamento elementar de nossa cultura que nos distingue das sociedades animais/naturais.

Mas é no conceito de significante que Lacan lança novo olhar ao que funda e instrumentaliza o sujeito. O significante articulado em cadeia faz rolar uma busca de significação, de sentido por parte do sujeito. É através do dito que o sujeito encontra significações, utilizando metáforas e metonímias é que se pode dizer sobre si. O mito edípico aqui empresta simbolização a uma causa que move em direção ao saber. Quem sou? De onde vim? A língua esquecida da infância se reinventa no processo analítico através da palavra e da relação transferencial

Enquanto fala do Simbólico, Lacan tece questões sobre a relação transferencial, sobre o ofício do analista e sua formação. Assim como o detetive de A carta Roubada de Edgar Allan Poe, o analista é aquele que sustenta seu estilo através da escuta do que não é dito em busca de algo perdido que equivale ao objeto A, causa do desejo.

Aqui se abre mais um caminho de trabalho para mim em cartel: o real inalcançável em palavras e a única ou melhor possibilidade que encontro diante disso, em meu caminho de formação que é me haver com o fazer clínico da Psicanálise, que é meu trabalho diário. A formação segue sempre, o tripé sendo sustentado, lanço um novo tema de cartel: Transferência. Aos interessados, que seja de corpo presente, na cidade de Curitiba.

Bibliografia

FARIA, Michele Roman (2019). Real, Simbólico e Imaginário no Ensino de Jacques Lacan, Toro Editora, São Paulo, 2019

LACAN, Jacques (1953). O simbólico, o imaginário e o real. In: Nomes-do-Pai, Jorge Zahar Editor, RJ, 2005

LACAN, Jacques. (1953-54) A tópica do Imaginário In: Seminário 1: Os escritos técnicos de Freud., Zahar Editora, RJ, 1986

LACAN, Jacques. (1949) O estádio do espelho como formador da função do eu. Escritos, Zahar Editora, RJ, 1998.

LACAN, Jacques. (1953) Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. Escritos, Zahar Editora, RJ, 1998.

LACAN, Jacques.(1957) A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In. Escritos. Jorge Zahar Editor, RJ, 1995.

LACAN, Jacques.(1960) Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: Psicanálise e estrutura da personalidade. Escritos, Zahar Editora, 1998.

QUINET, Antonio (2012). Os outros em Lacan, Zahar Editora, Rio de Janeiro, 2020